

Título: Racismo Ambiental e Educação Antirracista: Um Documentário Produzido por Estudantes

Autor: Nome completo Rodrigo Wanderley Gonzalez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro- Mestrado em andamento, Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, digogonzalezw@yahoo.com.br .


Resumo

Este artigo analisa a aplicação de uma metodologia antirracista no ensino médio por meio da produção de um documentário denúncia, realizado por alunos do 3º ano de uma escola pública em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. O projeto teve como foco o racismo ambiental, explorando as experiências dos estudantes em relação aos impactos ambientais e sociais que afetam a comunidade em que vivem. Utilizando o audiovisual como ferramenta pedagógica e de conscientização, os alunos foram capacitados em todas as etapas de produção, desde o roteiro até a gravação e edição do documentário. Os resultados indicam que o documentário permitiu a expressão de relatos pessoais e promoveu debates significativos em sala de aula, evidenciando o impacto do racismo ambiental na região.

Palavras-chave: Educação antirracista, Documentário, Ensino médio, Produção audiovisual, Racismo ambiental, São João de Meriti.

Abstract

The his article analyzes the application of an anti-racist methodology in high school through the production of a documentary denouncing environmental racism, carried out by 3rd year students from a public school in São João de Meriti, Baixada Fluminense. The project focused on environmental racism, exploring students' experiences with the environmental and social impacts affecting their community.



Using audiovisuals as an educational and awareness tool, students were trained in all stages of production, from scripting to recording and editing. The results indicate that the documentary allowed for the expression of personal stories and promoted significant classroom discussions, highlighting the impact of environmental racism in the region.


Keywords: Anti-racist education, Documentary, High school, Audiovisual production, Environmental racism, São João de Meriti.


1. Introdução

A educação antirracista constitui uma demanda urgente no cenário educacional brasileiro, especialmente em um país marcado por profundas desigualdades sociais e raciais. No município de São João de Meriti, situado na Baixada Fluminense, essa realidade se intensifica por meio do racismo ambiental, que é uma forma de discriminação estrutural que atinge, de maneira desproporcional, comunidades periféricas majoritariamente negras. Tais comunidades enfrentam cotidianamente a precariedade no acesso ao saneamento básico, a exposição à poluição, a escassez de recursos naturais, as frequentes inundações e a vulnerabilidade habitacional em áreas de risco, por exemplo.

Segundo Acselrad (2004, p. 83), o racismo ambiental pode ser compreendido como a “discriminação racial na definição de políticas e práticas ambientais, bem como na imposição desproporcional de riscos ambientais sobre populações pobres e racializadas”. Essa forma de violência estrutural evidencia como os fatores ambientais são distribuídos de maneira desigual, impactando de forma sistemática grupos sociais já historicamente marginalizados. Em territórios periféricos como os da Baixada Fluminense, essa lógica se manifesta com particular intensidade.

Diante desse contexto, o presente artigo apresenta uma experiência pedagógica realizada com estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola





pública da região, em que os discentes foram incentivados a produzir um documentário-denúncia sobre as manifestações do racismo ambiental em sua comunidade. A proposta teve como objetivos principais fomentar a consciência crítica dos alunos, dar visibilidade às suas vivências e promover o debate público sobre as injustiças socioambientais que atravessam seus territórios.


A escolha do documentário como instrumento pedagógico se fundamenta em seu potencial de amplificação das vozes silenciadas, estímulo ao diálogo e sensibilização da comunidade escolar. O recurso audiovisual permite uma comunicação direta, afetiva e engajada, ao transformar experiências particulares em narrativas públicas e politizadas. Como afirma Monteiro (2017, p. 18), o cinema negro atua como produtor de “territorialidades simbólicas, oferecendo visibilidade a identidades historicamente marginalizadas e tensionando relações de poder no campo audiovisual brasileiro” — perspectiva que se alinha diretamente aos propósitos deste projeto educativo.


2. Metodologia

Inicialmente, foi realizada uma sensibilização dos alunos sobre o tema do racismo ambiental, com discussões guiadas sobre o impacto da degradação ambiental em comunidades periféricas, particularmente em São João de Meriti. Em seguida, foram promovidas oficinas de produção audiovisual, abordando as etapas de roteiro, filmagem, edição e narração. Os alunos foram divididos em grupos e participaram ativamente de todas as etapas do processo.

A coleta de dados ocorreu por meio dos depoimentos dos alunos, que relataram suas experiências com o racismo ambiental em suas comunidades. Esses relatos foram organizados e transformados em material audiovisual, resultando em um documentário que foi exibido para a comunidade escolar.

Para garantir uma reflexão crítica, após a exibição do documentário, foram promovidos debates em sala de aula, nos quais os alunos puderam discutir suas percepções, aprofundar o entendimento sobre o tema e propor soluções para o problema do racismo ambiental em seu território. As falas e percepções dos alunos






durante esses debates foram registradas e analisadas qualitativamente, permitindo uma compreensão aprofundada dos impactos do projeto.


A educação antirracista tem se mostrado uma necessidade premente no cenário educacional brasileiro, especialmente em uma sociedade marcada por profundas desigualdades raciais. Em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, essa realidade se agrava com o racismo ambiental, onde comunidades periféricas, muitas vezes formadas por populações negras, enfrentam problemas como poluição, ausência de saneamento básico e acesso desigual aos recursos naturais.

Este artigo apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com alunos do 3º ano do ensino médio, na qual os estudantes foram incentivados a produzir um documentário-denúncia sobre o racismo ambiental que enfrentam em sua comunidade. A iniciativa não apenas permitiu que os alunos compartilhassem suas vivências, mas também favoreceu o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao racismo estrutural e ambiental presente no território.

A escolha do documentário como ferramenta pedagógica se justifica por seu potencial de amplificar vozes, promover o diálogo e sensibilizar a comunidade escolar. Além disso, o audiovisual possibilita uma comunicação direta e envolvente, transformando experiências pessoais em narrativas públicas e críticas. Como observa Monteiro (2017, p. 89), o cinema possui a capacidade de revelar territorialidades simbólicas e conferir visibilidade a identidades historicamente marginalizadas — perspectiva que se alinha diretamente aos propósitos deste projeto educativo.

Essa proposta também dialoga com a crítica pós-colonial de Gayatri Spivak (2010, p. 21), ao buscar formas de escuta do subalterno e de criação de espaços para que vozes silenciadas possam ser ouvidas. O documentário, nesse contexto, não apenas representa, mas permite a enunciação dos próprios sujeitos, em consonância com a noção bakhtiniana de dialogismo, segundo a qual toda enunciação é atravessada pela presença do outro e pela construção coletiva do sentido (Bakhtin, 2011, p. 123). A metodologia inspirada em Eduardo Coutinho reforça a ideia de escuta





ativa e de valorização da fala popular, permitindo que os alunos se reconheçam como produtores de conhecimento e memória (Coutinho, 2009, p. 36).


Por fim, a abordagem se articula com a ideia de uma “geografia dos espaços vividos”, proposta por Ângelo Serpa (2004, p. 95), ao reconhecer os territórios periféricos como espaços de significação e resistência. O audiovisual, nesse sentido, torna-se uma ferramenta potente para a leitura crítica da paisagem urbana e para a afirmação de identidades em contextos de vulnerabilidade socioambiental.


3. Resultados e Discussão

Os resultados do projeto revelaram um impacto significativo na percepção dos alunos sobre o racismo ambiental em São João de Meriti. O documentário produzido trouxe à tona relatos impactantes sobre os desafios enfrentados pela comunidade em relação à poluição do ar, à falta de saneamento básico, ao descarte inadequado de lixo, à ausência de áreas verdes na região e inundações frequentes.

Durante a produção do documentário, os estudantes não apenas relataram suas experiências pessoais, mas também investigaram a situação ambiental de seu bairro, entrevistando moradores e registrando imagens que evidenciaram a degradação ambiental em áreas de predominância negra e periférica. Essa abordagem prática permitiu que os alunos compreendessem o conceito de racismo ambiental de forma concreta, conectando o tema às suas próprias realidades.

Nos debates realizados após a exibição do documentário, os alunos demonstraram uma compreensão crítica do racismo ambiental, relacionando-o à segregação socioespacial e à ausência de políticas públicas que atendam adequadamente às necessidades da comunidade. Relatos como "Na nossa rua não tem coleta de lixo regular, mas em outros bairros tem" e "As enchentes são piores aqui porque ninguém faz nada para melhorar o escoamento do valão" ilustram a percepção dos estudantes sobre as desigualdades ambientais.






Os depoimentos também evidenciaram que o racismo ambiental é entendido pelos alunos como uma manifestação concreta do racismo estrutural, afetando diretamente a qualidade de vida das populações negras e periféricas. Essa percepção crítica emergiu de forma contundente nos relatos e foi intensificada nos debates em sala de aula, nos quais os estudantes discutiram as raízes históricas e sociais da desigualdade ambiental que enfrentam. Conforme analisa Silvio Almeida (2019, p. 27), o racismo estrutural “opera como um elemento organizador das instituições e das práticas sociais, reproduzindo desigualdades independentemente da intenção consciente dos agentes sociais”. Nesse sentido, os alunos passaram a reconhecer que a precarização dos serviços públicos, a exposição a riscos ambientais e a negligência estatal nos territórios onde vivem não são meros acidentes urbanos, mas expressões estruturais do racismo que organiza o espaço e distribui desigualmente os direitos à cidade e ao meio ambiente.

Outro aspecto relevante foi o impacto do projeto no desenvolvimento de habilidades comunicativas e críticas dos alunos. Ao participarem ativamente da produção do documentário, os estudantes aprenderam a planejar, filmar, editar e narrar, além de desenvolverem habilidades de trabalho em grupo e liderança. O processo também promoveu um maior engajamento dos alunos com o tema do racismo ambiental, transformando-o em uma questão pessoal e coletiva.

Por fim, o documentário serviu como um instrumento de conscientização para a comunidade escolar, que participou da exibição e dos debates. O impacto emocional dos depoimentos e imagens apresentados gerou discussões profundas entre os alunos, professores e demais participantes, ampliando o entendimento sobre o racismo ambiental e suas consequências.

Os resultados indicam que o uso do audiovisual como ferramenta pedagógica foi eficaz não apenas para promover a conscientização sobre o racismo ambiental, mas também para estimular a autonomia, a reflexão crítica e o protagonismo dos estudantes. A experiência revelou que a produção audiovisual pode ser um recurso poderoso para promover a educação antirracista e sensibilizar a comunidade escolar para questões sociais e ambientais.



4. Conclusão

A experiência pedagógica desenvolvida com a produção do documentário denúncia sobre o racismo ambiental em São João de Meriti demonstrou o potencial transformador do audiovisual como ferramenta educativa. O projeto não apenas permitiu que os alunos relatassem suas experiências com o racismo ambiental, mas também promoveu o desenvolvimento de uma consciência crítica, evidenciando o impacto das desigualdades ambientais em comunidades periféricas.

O documentário funcionou como um espaço de fala e escuta, onde os alunos puderam se expressar livremente, denunciar as condições ambientais adversas que enfrentam e propor reflexões e soluções para o problema. A exibição do documentário e os debates que se seguiram fortaleceram o entendimento sobre o conceito de racismo ambiental e ampliaram a percepção dos estudantes sobre a relação entre desigualdade racial e degradação ambiental.

Conclui-se que o uso do audiovisual como prática pedagógica antirracista é uma estratégia eficaz para promover a educação crítica e a conscientização social. O projeto revelou que a escola pode ser um espaço de transformação e empoderamento, onde os estudantes não apenas aprendem sobre o mundo, mas também são incentivados a agir para transformá-lo.

Além disso, o projeto evidenciou a importância de abordar o racismo ambiental em contextos escolares, uma vez que os estudantes se reconheceram como protagonistas na luta contra as injustiças socioambientais que afetam suas comunidades. O documentário produzido não apenas deu visibilidade a essas questões, mas também reforçou o compromisso dos alunos em promover mudanças e lutar por direitos ambientais e sociais.

Finalmente, esta experiência pode servir de referência para outras escolas que desejem promover uma educação antirracista e crítica, especialmente em contextos periféricos. O uso do audiovisual, aliado a práticas de reflexão e debate, mostrou-se uma metodologia eficaz para transformar a educação em um espaço de emancipação e conscientização social.

5. Referências

- ACSELRAD, Henri. *Justiça ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BARBOSA, Hamilton Gonçalves. *Enfrentamento ao racismo na escola*. Belo Horizonte: UFMG, 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- COUTINHO, Eduardo. *Sobre o papel do documentário na escuta do outro*. In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* Campinas: Papirus, 2009. • p. 35-39
- LIMA, Nathali Ferreira de Deus. *A afroreligiosidade nas narrativas de audiovisual do cinema negro brasileiro*. Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2021.
- LIMA, Renato Candido de. *Por uma política audiovisual preta no Brasil*. São Paulo: USP, 2022.
- MONTEIRO, Adriano. Os territórios simbólicos do cinema negro: racialidade e relações de poder no campo audiovisual brasileiro. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/7489>. Acesso em: 03 maio 2025.
- QUEIROZ, Jefferson. Representação dos negros no cinema nacional. *Revista Eletrônica Discente História.com*, v. 7, n. 14, 2020.
- SERPA, Ângelo. Por uma geografia dos espaços vividos: a cidade entre o real e o imaginário. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). *Novos caminhos da geografia cultural*. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 87-101.
- SILVA, Marielle Costa. *Relações étnico-raciais na escola pública*. São João del-Rei: UFSJ, 2020.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

